

**Excertos do relato de Cesarion Praxedes, “Primeiro encontro com os índios Zorós”,
Revista Geográfica Universal, 38: 68-79, 1977.**

“Em outubro passado [do ano de 1977], à margem do rio Branco, em Mato Grosso, aconteceu o primeiro contato dos índios zorós com a cultura branca. E, como eles viviam em estado inteiramente primitivo, o encontro da expedição da FUNAI com os indígenas foi precedido por dezoito dias de angústia e espera. Durante todo o tempo em que a equipe esteve na região dos índios, promovendo expedições na selva e pelo rio, os zorós observaram sem se aproximarem. Somente quando tiveram certeza que os invasores eram pacíficos é que resolveram visitar o acampamento. Chegaram desarmados, com mulheres e crianças, numa clara demonstração de que estavam em missão de paz. Eram apenas vinte, embora o número de malocas existentes faça supor uma tribo de aproximadamente 350 indígenas. (...)

O pequeno monomotor sobrevoava a maloca pela segunda vez, quando apareceu um grupo de índios para observar a estranha e barulhenta máquina voadora que invadia o seu mundo [...].

O objetivo do vôo era dar ao sertanista Apoena Meireles uma visão geral da localização das malocas e uma avaliação do número de índios que vivem na área. Meireles, 28 anos, era responsável pela expedição que tentaria o primeiro contato com esses indígenas, que vivem entre os rios Branco e Roosevelt, no oeste de Mato Grosso, nas proximidades da fronteira com o Território de Rondônia. A região, inteiramente coberta pela floresta amazônica, vem sendo ocupada por fazendeiros, o que obrigou a FUNAI a promover a expedição para contatar e preparar os índios para o convívio com a civilização. (...)

Apoena instalou seu acampamento à margem do rio Branco, próximo da fazenda Castanhal. Faziam parte da equipe, além de Meireles, os técnicos indigenistas José do Carmo Santana (Zé Bell) e Hugo Pedro da Silva, três peões contratados em Vila de Rondônia, três índios suruí, dois gaviões, um cinta-larga e um xavante. Os índios foram levados para servir como intérpretes, já que uma de suas línguas deveria ser parecida com a dos zorós. Acreditava-se que os suruí pudessem entender bem os zorós [o que,

se viu depois, não foi possível, pois as línguas zoró e suruí, ainda que da mesma família, se distanciam bastante], embora houvesse uma certa apreensão em relação a esse encontro: as duas tribos sempre foram inimigas. (...).

Partindo do acampamento, uma picada foi aberta na direção dos caminhos que os zorós utilizam durante suas caçadas. Alguns presentes deixados na picada tinham a finalidade de atrair os indígenas. Mas Meireles não pretendia ficar parado ali, esperando que eles aparecessem, já que o contato prometia ser fácil e rápido. Os zorós construíram malocas nas proximidades do rio Branco, depois que abandonaram as margens do rio Roosevelt – onde viviam - por causa do aparecimento de fazendas na área. Fugindo em direção ao rio Branco, os zorós encontraram uma outra fazenda que estava sendo aberta na margem oposta. A situação dos índios ficou crítica: não poderiam subir em direção à cabeceira do rio por causa dos suruí, mas também não poderiam seguir o caminho das águas por causa dos brancos. (...).

Cercados, os zorós, ao chegarem à margem do rio Branco, resolveram atacar os empregados da fazenda Castanhal: em dois ataques mataram três trabalhadores e feriram bastante um quarto. (...) Os irmãos José e Miguel Fortes, proprietários da Castanhal, ordenaram que nenhum mal fosse feito aos índios. Apenas determinaram que os peões passassem a trabalhar em grupo, sempre com uma espingarda à mostra, para deixar claro que também possuíam armas.

Em 1972 Apoená e Zé Bell haviam descido o rio Branco e não encontraram vestígio dos zorós. Sabiam no entanto da existência dos indígenas nas cercanias do rio Roosevelt, e por esse motivo pediram a interdição daquela faixa de terra entre os dois rios – o que não aconteceu. O aparecimento dos cabeças-secas na Castanhal – apesar de provocar mortes entre os peões – teve aspectos positivos. Como não tiveram represália pelos ataques, os indígenas passaram a observar os trabalhadores de longe, e no início deste ano um grupo de vinte surgiu na beira do rio e acenou para o barqueiro Roque Nunes. Roque, ao ver que o grupo estava desarmado, atravessou o rio e se aproximou dos índios. ‘Quando saltei da canoa’, conta, ‘não sabia quem tremia mais de medo, se eu ou os índios. ‘Depois desse encontro cerca de oitenta zorós visitaram a fazenda, mas, passado um certo tempo voltaram a desaparecer.

Apoená Meireles pretendia contatar no início o grupo que tinha surgido na Castanhal,

para, através dele, chegar aos habitantes das malocas mais afastadas. Como já tínhamos sobrevoado dez malocas [aldeias], estimávamos que mais de 350 índios viveriam na região, sendo que a maioria – principalmente os que vivem próximo ao rio Tiroteio, um afluente do Roosevelt – tem evitado qualquer aproximação com os brancos. Acompanhados de Roque Nunes e Gustavo Luís de Almeida, que tinham feito um bom relacionamento com o grupo de zorós que visitou a fazenda Castanhal, seguimos para as malocas mais próximas. Acreditava-se que elas ficavam a quatro horas de caminhada na selva, mas somente depois de onze horas, em ritmo acelerado, conseguimos alcançá-las. As malocas que visitamos estavam vazias. Os índios tinham plantado a roça e saído pela selva caçando. Deixamos presentes, como espelhos, facões, panelas e anzóis, e fomos embora. (...) Em linha reta, numa medição feita de avião, o percurso tinha trinta quilômetros, o que nos fez estimar a distância por terra em sessenta quilômetros.

Depois de um dia de descanso no acampamento, subimos o rio Branco na esperança de encontrar algum grupo de zorós pescando. [...] Encontramos muitos vestígios dos cabeças-secas, mas não chegamos a ver nenhum deles. Resolvemos então regressar e aguardar uns dias no acampamento antes de outra investida. Mas não foi preciso esperar muito. Os zorós encontraram os presentes e seguiram a picada aberta a partir da trilha deles. A estratégia tinha surtido efeito. Os zorós chegaram [no dia 22 de outubro] ao acampamento desarmados, pois haviam deixado suas flechas escondidas na selva para demonstrar que estavam em missão de paz. Quatro índios adultos se aproximaram em primeiro lugar. Depois, quando já estavam inteiramente à vontade, apareceram uma mulher e uma criança, até então escondidas observando o encontro. O contato acontecera depois de dezoito dias de angustiante expectativa. Mas aquele dia reservava outra surpresa. Roque Nunes encontrou outro grupo de zorós à margem do rio, do qual faziam parte alguns índios que o conheciam da fazenda e chamaram por ele. Zé Bell subiu o rio com Hugo para buscá-lo, enquanto Apoena entretinha os que haviam chegado por conta própria ao acampamento. Dos índios que Apoena levou, apenas os gaviões e o cinta-larga entenderam a língua a língua dos zorós, o que desmentia a versão de uma antiga união desses indígenas com os suruíis. [...]

Altos e gentis, alguns índios alcançavam 1,75 metros de altura. Durante as duas horas e meia que passaram conosco no acampamento, os zorós se comportaram de uma maneira impressionante. Não mexiam em nada sem pedir autorização. Queiram saber o nome de

tudo e de todos. Os gaviões e o cinta-larga não tiveram sossego: traduziam e explicavam o tempo todo. Os zorós queriam as novidades como presentes, mas foram os facões, espelhos, panelas e anzóis os utensílios que fizeram mais sucesso entre eles.”

(Praxedes, Cesarion, 1977. “Primeiro encontro com os índios Zorós”, Revista Geográfica Universal, 38: 68-79).